

Jazz

2 de novembro 2012

Jim Black Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

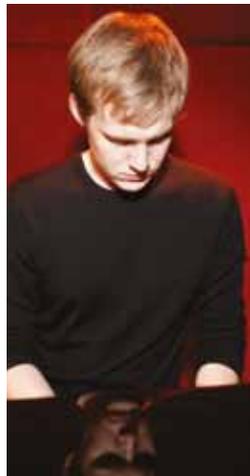
Culturgest



Bateria Jim Black

Contrabaixo Christopher Tordini

Piano Elias Stemeseder



Sex 2 de novembro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M3

Uma enorme paleta sonora

Sem nunca deixar de se considerar um músico de jazz, Jim Black tem uma paixão assumida pelo rock e pela pop. Tanto assim que, ao abraçar um dos mais paradigmáticos formatos daquela a que já se chamou “grande música negra” (ainda que a junção de postulados africanos e europeus a defina como mestiça e que no seu berço, os EUA, seja mais tocada por brancos do que por negros), o do trio de piano, contrabaixo e bateria, não resista a incluir elementos daquelas outras famílias musicais.

«Acreditem que eu tento escrever composições de jazz para este trio. O que se passa é que a ideia de canção e de melodia clamam mais pela minha atenção do que o estado de espírito, a vibração e o ritmo de cada tema. Talvez porque os ditos já estejam implícitos no jazz», explica-se o membro da trupe Azul, também esta de cunho especialmente melódico, liderada por um dos mais insígnies músicos portugueses, Carlos Bica.

Seja como for, é verdade que o Jim Black Trio (JBT) está nos antípodas da formação em que mais investe o seu tempo, AlasNoAxis, decididamente mais ancorada no rock do que no jazz. «O foco dessa minha banda está no som da distorção e na improvisação coletiva. Com este novo trio, interessa-me mais averiguar o que significa o *swing* nesta fase da minha vida. Designadamente, quero descobrir as várias maneiras com que posso moldar o ritmo depois de todos estes anos em que tenho tocado música búlgara com outro projeto que

me é importante, Pachora. Por exemplo, utilizando influências do Norte de África e de Steve Coleman, além de *grooves* que tenham origem no meu corpo.»

«Com o JBT pretendo ir a todo o lado e fazer musicalmente seja o que for, sem me prender a um estilo em particular. Acredito também firmemente que, quando há a oportunidade de gravar, as composições devem ser originais. Até agora não gravámos *covers* nem *standards*, o que parece ser habitual quando se adota o trio de piano jazz, e não o faremos a não ser que consideremos absolutamente necessário. Vai haver agora uma exceção, pois incluímos algumas peças de Paul Motian no nosso repertório, mas isso só porque ele, infelizmente, morreu e porque acho que a sua música deve ser ouvida pelas gerações mais jovens», acrescenta aquele que é um dos mais celebrados bateristas da atualidade.

Não interessam a Jim Black idiomas fixos, cenas ou bandeiras que representem uma determinada tradição, deixando ao JBT a liberdade de criar. A interpretação de Motian, um dos grandes mestres das baquetas na história do jazz, e a referência neste da própria escrita de Black não constituem uma contradição. Representam mesmo o exercício dessa liberdade: «Do mesmo modo que a música de Thelonious Monk era o folclore do Paul, a música do Paul é o meu folclore. Sinto a necessidade de manter vivas as suas canções. Para todos os efeitos, ele tem sido a “marca de água” de muitas das bandas em que tenho estado envolvido nos últimos 20 anos.»

O curioso é que o trio de piano jazz nunca interessou especialmente a Black, «enquanto motivo para fazer algo». Aqui chegou, apenas e exclusivamente (a não ser, talvez, o facto de Paul Motian ter trabalhado em trio com Bill Evans), devido aos instrumentistas que com Jim Black estão associados no JBT. «O que me cativa são eles, as suas personalidades, o seu som. Quando conheci o pianista Elias Stemeseder num *workshop* em Salzburgo, há cinco anos, encontrei uma sensibilidade e uma profundidade incríveis, e muito raras para alguém que, na altura, contava apenas com 17 anos de idade. Dei-lhe alguns originais meus para tocar e soou como se ele próprio os tivesse composto. O que pensei foi: “Ok, traz este gajo para a tua música AGORA.” Fomos tocando juntos durante um ano e decidi-me a formar um grupo que o incluísse, tornando as ideias que estavam a surgir entre ambos em algo de concreto.»

No caso de Thomas Morgan, o contrabaixista que foi buscar ao grupo de Steve Coleman e que, não menos importante, colaborou com Paul Motian, as coisas aconteceram de forma semelhante: «A primeira vez que tocámos juntos foi num “gig” totalmente improvisado em Nova Iorque, já há uns anos. Senti que era fácil trabalhar com ele e que podíamos fazer coisas intimistas, pelo que prometi a mim mesmo que o teria num projeto que viesse a desenvolver. Sabia que ele tinha tocado com o Paul, mas não foi isso que determinou a minha decisão de o chamar. A sua musicalidade é justificação suficiente, tal como o foi quando Paul o convidou.»

Acontece, porém, que nem sempre Jim Black pode contar com Morgan, dada a muito preenchida agenda deste – trata-se, afinal, de um dos contrabaixistas mais requisitados por estes dias. Por isso mesmo, o JBT tem um segundo dedilhador de reserva, Chris Tordini, que é quem estará no palco, em Lisboa, com o trio. Os seus pergaminhos não são menos impressionantes: «É um luxo contar com estes dois fantásticos, mas tão diferentes, contrabaixistas», comenta o mentor do Jim Black Trio.

Este tem-se notabilizado pela sua indiferença relativamente às divisões existentes entre *mainstream* e *vanguarda*, surgindo em ambos os campos e cruzando as suas linhas de força naquilo que apresenta em nome próprio. «Seria um disparate comprometer-me com uma corrente em particular. A música é constituída por melodia, harmonia, ritmo, cor e forma e estes existem em todos os tipos de música, se bem que em diferentes graus. Há maneiras infinitas de combinar esses elementos básicos. Depende somente da imaginação de que se dispõe e do estado de espírito que se pretende transmitir. Este é um processo de descoberta sem limites e com a duração de uma vida.»

O JBT tem, igualmente, uma dimensão camerística, o que significa que os recursos em jogo vão muito para lá das inclusões de aspetos do rock e da pop, indo para os territórios da música erudita, sobretudo a contemporânea. Também isso, argumenta Black, tem que ver com as «possibilidades abertas», e estas, surpreendentemente, surgem mais a nível da improvisação do que

daquilo que está definido na partitura. «De cada vez que atuamos, temos liberdade e espaço para construir e desconstruir a música de formas distintas. Podem existir momentos de politonalidade ou de minimalismo. Todos nós apreciamos géneros muito diferentes, o que nos concede uma enorme paleta sonora», adianta sobre a questão.

O certo é que o universo musical do JBT não corresponde ao que poderíamos esperar de um músico que toca bateria. Se a tendência é para os bateristas-compositores escreverem enquanto bateristas, outros tem havido que procuram escapar à moldura rítmico-percussiva. Jim Black pertence a esta última linhagem, a mesma em que se encontrava Paul Motian: «Dediquei a maior parte da vida a ser um músico primeiro e um baterista depois. Componho quando quero dizer algo que não posso expressar claramente com o meu instrumento. Gosto de tocar bateria, mas a música é mais forte do que qualquer instrumento musical.»

Se, em Portugal, já conhecemos razoavelmente bem o Jim Black baterista, este concerto vai revelar-nos o Jim Black compositor. Uma oportunidade absolutamente a não perder.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

Jim Black bateria

Jim Black está na linha da frente de uma nova geração de músicos que conduzem o jazz pelo século XXI. Para além de ser um dos bateristas mais influentes do nosso tempo, é também líder de uma das bandas com um pensamento mais avançado no mundo, a AlasNoAxis, que formou com os seus colaboradores de há muito tempo Chris Speed, Hilmar Jensson e Skúli Sverrisson. A estética de Black, baseada na sua abordagem virtuosística e muito pessoal à bateria no jazz, expandiu-se para incluir ritmos dos Balcãs, canções rock, ou música eletrónica (paisagens sonoras – *soundscape* – produzidas por *laptop*). Embora seja admirado em todo o mundo pela sua espantosa técnica e conceitos inovadores, o que muitos ouvintes apreciam mais na maior parte do trabalho de Jim Black é a permanente sensação de alegria e de invenção que traz para as suas atuações. A presença de Jim Black, sorridente, enérgica e imprevisível, tem encantado e inspirado audiências por toda a parte há mais de 20 anos.

Desde meados da década de 1990 que Black tem desempenhado um papel fundamental na incorporação de novos sons e técnicas no contexto da música de jazz criativa. Como membro do grupo Pachora (com Speed, Sverrisson e o guitarrista Brad Shelpik), Black foi um dos líderes no estudo e na adaptação da música dos Balcãs à que tem o jazz como base. As suas técnicas avançadas transformam a música tradicional dos

Balcãs numa nova linguagem polirrítmica informada pelo jazz moderno, pelo *drum & bass* e pelos *dumbeks* (espécie de tambor) balcânicos. Black foi também um inovador na improvisação eletrónica, estabelecendo uma ponte entre a improvisação eletroacústica e as tradições baseadas no jazz.

Nascido em 1967, Jim Black cresceu em Seattle juntamente com os seus futuros colegas Chris Speed, Andrew D'Angelo e Cuong Vu. Depois de ter fortalecido as suas relações pessoais e artísticas em Seattle, junto de vários grupos jovens de jazz, em 1985 mudou-se para Boston onde entrou na Berklee School of Music. Em Boston, Black, Speed e D'Angelo, com o guitarrista Kurt Rosenwinkel, formaram os Human Feed que rapidamente chamaram a atenção das cenas jazzísticas de Boston, Nova Iorque e outras.

Por volta de 1991 Black e os restantes membros dos Human Feed mudaram-se para Nova Iorque onde eletrizaram a cena musical de Downtown, nessa altura centrada na Knitting Factory. Jim rapidamente se tornou no mais ocupado *sideman*. Os primeiros anos da sua estadia em Nova Iorque viram-no desempenhar papéis de destaque em algumas das bandas mais aclamadas pela crítica do tempo, como os Bloodcount de Tim Berne, o trio de Ellery Eskelin e o trio Tiny Bel de Dave Douglas. Assim começaram 15 anos de quase constantes digressões e gravações, com as bandas citadas e artistas como Uri Caine, Satoko Fujii e Laurie Anderson, entre muitos outros.

Como é sabido Jim Black faz parte

do Trio Azul, liderado por Carlos Bica e com Frank Möbus na guitarra.

Recentemente Jim criou um novo trio com dois jovens músicos, o pianista austríaco Elias Stemeseder e o contrabaixista Thomas Morgan, substituído com frequência por Christopher Tordini, como sucede esta noite. Juntos gravaram o ano passado, para a editora Wunter & Winter o álbum *Somatic*, que teve um entusiástico acolhimento por parte da crítica e que surpreende quem conhece bem a obra anterior de Black.

“Um músico completo e prodigiosamente fértil (...) Black produziu uma obra-prima do jazz do futuro.”

Andy Hamilton, *The Wire*

“Fluente em todas as linguagens.”

Time Out NY

“Terrivelmente inventivo...”

Uma revelação.” CMJ

Christopher Tordini contrabaixo

Christopher Tordini é um muito requisitado contrabaixista da cena musical de Nova Iorque. Toca tanto com grandes nomes do jazz como com diversos músicos emergentes. Fez digressões e gravou, durante cinco anos, com Dapp Theory, de Andy Milnes. Atuou em bandas lideradas por Greg Osby e Jeremy Pelt, toca regularmente com o baterista Ari Hoenig, a Becca Stevens Band, e é um elemento chave de projetos liderados pelo baterista e compositor Tyshawn Sorey. Recentemente Tordini atuou e gravou com Steve Lehman, Tigran Hamasyan, Jo-Yu Chen e Yaron Herman.

Elias Stemeseder piano

Elias Stemeseder nasceu e cresceu em Salzburgo, Áustria. Com 9 anos de idade escolheu o piano como seu principal instrumento. Depois de ter estudado música clássica durante quatro anos, interessou-se pelo jazz e formou a sua primeira banda. Com 15 anos foi aceite na Universidade Anton Bruckner, em Linz, para estudar piano jazz. Em 2008 o seu trio ganhou o prestigiado prémio Joe Zawinul. Presentemente, com pouco mais de 20 anos, frequenta o Instituto de Jazz de Berlim e atua pela Europa em muitos projetos diferentes.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



Gabriel Ferrandini, Pedro Sousa, Johan Berthling

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qui 8 novembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3

© Nuno Martins

© Nuno Martins



Bateria Gabriel Ferrandini

Saxofone Pedro Sousa

Contrabaixo Johan Berthling

Uma característica comum têm os músicos portugueses Gabriel Ferrandini e Pedro Sousa com o sueco Johan Berthling: partilham a sua dedicação ao jazz e à música livremente improvisada com um descomplexado gosto pelo rock *indie* e pelas práticas eletrónicas de dança mais inteligentes. Não estranhará, pois, que esta inédita combinação em trio sob o signo da composição espontânea integre elementos desses outros universos musicais, em manifestações assumidamente trans-idiomáticas, isto é, transversais a vários géneros e estilos de criação sonora.

Nesse âmbito, haverá que contar com outra particularidade: todos os três improvisadores são jovens e o que tocam evidencia a sua idade. Se não é rock (música “adolescente”)

o que se propõem fazer em conjunto, a perspetiva que têm das suas próprias práticas é necessariamente jovem. O que daí resultará só poderia ser fresco, rebelde, atrevido e desalinhado. Uma oportunidade a não perder por quem está cansado do mesmo, dia após dia...

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
